

Jornalismo Literário em Alagoas: o pioneirismo de Octávio Brandão¹

Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS²
Aldia Luzia Gomes SAMPAIO³
Angélica Maria Reis de Araújo CARVALHO⁴
José Gildo da Silva JÚNIOR⁵
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Este trabalho revela um aspecto pouco conhecido da obra do alagoano Octavio Brandão(1896-1980), que consiste no caráter jornalístico-literário dos seus textos. Comunista pioneiro e um dos fundadores do Partido Comunista, Octávio Brandão é também autor de *Canais e Lagoas*, publicado pela primeira vez em 1919 e é considerado o primeiro livro sobre ecologia no Brasil. Em função desse protagonismo, a linguagem jornalística de seus artigos de cunho mais político, científico e ambiental, acabou sendo relevada ao segundo plano, sem que um estudo intrínseco da mesma lhe fizesse justiça. Sob o amplo espectro conceitual do jornalismo literário, o presente artigo é uma tentativa inicial de resgatar essa dívida. Após uma breve reflexão sobre o jornalismo literário e a biografia de Octávio Brandão, se fará uma análise textual do livro *O Caminho*(2001), sob a ótica da características do jornalismo literário(PENA, 2007).

Palavras-chave: Jornalismo literário; História; Octavio Brandão

JORNALISMO LITERÁRIO EM ALAGOAS

Em 2014, após a publicação do Dicionário Biobliográfico História do Pensamento Comunicacional Alagoano(2013)⁶, iniciamos um projeto de investigação inédita em Alagoas, com o objetivo de mapear as ocorrências locais da prática da reportagem como jornalismo literário. A idéia era dá continuidade ao projeto anterior, que se propôs a fazer o resgate da memória e construção da história da comunicação em Alagoas. Foram escolhidos alguns profissionais atuantes no século XX e na atualidade. O nome do Octavio Brandão foi o primeiro

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: magnoliasantos@hotmail.com

³ Bolsista Pibic CNPq/UFAL/FAPEAL e estudante de graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: aldialuiza@hotmail.com

⁴ Bolsista Pibic CNPq/UFAL/FAPEAL e estudante de graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas: angelic.c74@gmail.com

⁵ Bolsista Pibic CNPq/UFAL/FAPEAL e estudante de graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas: gildojunior1993@hotmail.com

⁶ Projeto coordenado pelo Professor José Marques de Melo e publicado pela Edufal, em 2013. Esta obra integra as ações do PensaCom Brasil.

nome selecionado para iniciar esse mapeamento devido a sua precoce e importante contribuição à imprensa brasileira.

Em 2015, resgatamos o contexto histórico, sociopolítico e cultural em que Octavio Brandão esteve inserido. Foram considerados os fatores condicionantes que o formaram como pessoa, cidadão e jornalista. Naquele momento inicial, reconstruímos o longo percurso biográfico de Brandão desde o seu nascimento, em 1896, na cidade alagoana de Viçosa, até o seu falecimento, no Rio de Janeiro. 1980. Em todos os aspectos da vida desse homem de imprensa e militância, constata-se que ele teve uma vida marcada pelo sofrimento, censura e perseguição política. Não obstante tais dificuldades, ele sempre manteve um convívio dinâmico e criativo com a poesia, em particular, e a literatura, em termos gerais.

RESGATE DE UMA VIDA

Alagoano, incompreendido em sua terra natal, em seu país, Octávio Brandão viveu grande parte da vida em trânsito, refugiado no Rio de Janeiro ou exilado em Moscou. Ele chegou até a ir para o *front* de guerra, sendo considerado um herói naquele país. Integrando junto com sua esposa e poetisa carioca Laura Brandão o panteão dos heróis da revolução. No Brasil, é um dos fundadores do Partido Comunista. Ele tem sido lembrado por ser considerado o pioneiro em estudos ecológicos e pela brilhante atuação na área de educação pública enquanto foi vereador do Rio de Janeiro. Sua obra mais conhecida é *Canais e Lagoas*(2001), considerada o primeiro livro que trata da ecologia no Brasil.

Tratando-se de um texto de um militante comunista, que fazia jornalismo político e que tendo estado fora do País por longo período, certamente encontramos uma forte marca ideológica e opinativa nesse material. No caso de *O Caminho* não foi surpreendente, tendo em vista seu contexto de produção, durante o período da segunda guerra. O que o próprio autor conta, na introdução da obra, é que garantiu a sua preservação colocando-o na cintura enquanto estava no *front* de batalha. Diante desses indícios, seria óbvio demais apenas estudar a obra a partir dessas vinculações políticas. O que nos move é a hipótese de que *O Caminho* é mais que uma obra política ou auto-biográfica. Com uma linguagem poeticamente singular, creditamos ao texto tanto o valor literário quanto jornalístico. Para defender essa idéia, recorreremos ao conceito contemporâneo de jornalismo literário que nos permite a análise textual, revelando o estilo e sutileza da obra octaviana:

O que é **Jornalismo Literário**? Reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Também conhecido como **Jornalismo Narrativo**. Pilares que sustentam esse tipo de produção: humanização, imersão, exatidão, autoria, estilo e criatividade. Outras características (técnicas) marcantes: uso de metáforas, digressões, monólogos interiores, fluxos de consciência, diálogos, descrições minuciosas etc. (VILAS BOAS, 2008, p.10).

Nossa estratégia foi olhar para o passado com a teoria do presente e procurar resgatar uma prática expressiva de um ensaio como se fosse uma reportagem de profundidade, dimensão essa que escapou dos seus exegetas, preocupados mais com o homem político-visionário do que com o jornalista-escritor. Na verdade, existe uma estreita correlação entre esses dois aspectos de sua personalidade: sua paixão pela luta, pelo povo, lhe trouxe inspiração para a escrita. Entre os livros que escreveu está *O caminho*, redigido em seu exílio na ex-URSS. Nele, ele conta com detalhes a história do engenho em Alagoas, as lutas de emancipação e a formação da sociedade brasileira.

Como Truman Capote, ele escreve com dados de memória, mas originários de apuração detalhada. Assim, é preservada a missão de transmitir a mensagem, a informação, mantendo o caráter jornalístico, sendo que o vocabulário passa por uma transformação, ganhando uma estrutura mais narrativa – característica da literatura - e um aprofundamento maior da informação. Segundo Felipe Pena (2007):

O conceito [de jornalismo literário] é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2007, p.6).

Octavio Brandão ultrapassa os limites do cotidiano porque, até então, a história do Brasil sempre vinha sendo contada pelo ponto de vista burguês. No livro *O Caminho*, ele inaugura um ponto de vista novo e instaura-se um Brasil diferente, contado de uma forma singular, com um tom de romance, a partir do ponto de vista do escravo, do operário, dos que lutaram por sua pátria com muito suor e bravura.

***O CAMINHO* REVISITADO**

A análise de *O Caminho* leva em consideração a história de vida de Octávio Brandão, já que o texto em análise é o primeiro livro/ensaio de memórias de Octávio e traz consigo um grande acervo histórico, não só do estado de Alagoas, como também do país. *O Caminho* foi escrito na década de 40, no exílio. O texto é caracterizado como um “poema

lírico e épico, moderno e revolucionário” (BRANDÃO, 1930, p.15). A inspiração venho de sua falecida esposa, Laura Brandão, e também da sua adoração pela diversidade do povo brasileiro: os mulatos, os índios, os negros escravos, os operários, por sua paixão pela luta da igualdade dos direitos e justiça social.

Considerando-o como um ensaio ou grande reportagem, esta obra buscou na memória e vivência do seu autor, o que ele apurou de fontes como “a vida e a luta, o estudo e o trabalho, no convívio com simples operários, camponeses e negros ex-escravos, isto é, com os seus primeiros professores” (BRANDÃO, 2007, p.15). O livro é dividido em vários ciclos. Ciclos esses que demonstram a formação da sociedade brasileira, e que passam de geração em geração ensinamentos de um povo, seu sofrimento, suas lutas:

Mitos completamente falsos invadiram toda a história do Brasil. Vivemos cercados de mentiras e invencionices. Os falsos valores triunfaram. Os verdadeiros criadores da História são silenciados ou passam a segundo plano (BRANDÃO, 2007, p. 100).

O Caminho é a história do Brasil contada de forma justa, não por mitos, da perspectiva dos exploradores, e sim do ponto de vista do povo que construiu o país com suas lutas.

A História do Brasil não é a história dos exploradores e opressores; senhores de escravos; grandes proprietários rurais – feudais e semifeudais; burgueses, isto é, donos de bancos e minas, fábricas e oficinas; imperialistas, isto é, monopolistas estrangeiros.(...)Daí a necessidade de uma revisão total da história do Brasil, de uma anulação dos falsos valores e revalorização de todos os valores.(BRANDÃO, 2007, p.100)

O livro é escrito como uma reconstrução da história do país, é uma história sem ilusões, sem meia verdade, contando com recursos narrativos e linguísticos, com uma apuração maior dos fatos e um aprofundamento da história, característicos do jornalismo literário. A partir disto, podemos fazer uma avaliação da obra, tendo como base o jornalismo literário, suas características, suas divisões (PENA, 2007).

Octávio Brandão consegue passar através de sua escrita mais do que só fatos históricos. Com riqueza de detalhes, o autor consegue levar o leitor mais a fundo da sua narrativa, intrigando-o com suas histórias de sofrimento e ilusões de um povo. A verdadeira realidade do povo brasileiro é demonstrada de forma pura, uma vez que o autor tem a preocupação de não subjugar seus personagens. São apresentados personagens bravos, com atitude, com a revolução dentro de si, prontos para enfrentar qualquer que seja a

dificuldade. Seus personagens são homens e mulheres de fibra, que mesmo com todo obstáculo apresentado é capaz de vencer.

O autor dá ao leitor mais do que fatos, dá a brecha para que haja uma identificação com o personagem. A vida emocional dos personagens é demonstrada, constituem-se em verdadeiros romances, que por vezes não tem um final feliz. Podemos ver claramente em alguns momentos, como este:

És digno de ser profundamente amado! E, no entanto... Renuncio à Felicidade! Para ser tua, seria preciso ter outra alma! Parto agora mesmo. Inútil qualquer esforço de tua parte. Adeus, para sempre. Nunca mas nos veremos. Nunca mais! (...) Como um louco, Dionísio correu ao porto do Recife. Era tarde! (BRANDÃO, 2007, p.250)

A citação acima é exemplar no sentido de nos permitir conhecer uma das desilusões amorosas de Dionísio Gravatá, personagem presente no livro *O Caminho*, que sofre de amor pela segunda vez, quando sua amada o abandona, não por falta de sentimento, e sim por não conseguir abandonar a *alma burguesa*.

Assim, como no jornalismo investigativo, onde as histórias precisam ser exploradas ao máximo, em busca dos mínimos detalhes, expondo as questões ocultas, precisando de uma conexão de fatos para que a história seja concluída. No caso de *O caminho*, a apuração de dados foi feita por Octávio Brandão quando ainda estava no Brasil. Mesmo distante de sua terra natal, ele conseguiu passar em detalhes a vida da sociedade brasileira.

Podemos afirmar isso, ao ler o depoimento de Brandão dado em 1977, quando o mesmo fala: “E a lutar contra essas muralhas todas, um pequeno grupo corajoso, bravo. Eu dou os nomes deles no livro *O caminho*” (REGO, 1993, p.13). Com isso, percebemos o comprometimento do autor com a realidade. No livro não encontramos personagens fictícios. Na verdade, eles são simbólicos, representam uma realidade coletiva. Além disso, há também personagens reais, que comprovam mais ainda a veracidade e a riqueza de detalhes que o autor apresenta.

A composição do texto é feita de forma linear, as ações se desenvolvem cronologicamente, de maneira lógica, mesmo que apresentem ciclos e os personagens mudem de acordo com ele, a história segue uma sequência coerente.

A quebra de capítulos é feita através de ciclos. Cada ciclo conta uma história diferente, mesmo que seus personagens permaneçam, cada ciclo vem com o propósito de deixar uma lição, cada sofrimento tem seu fim, bom ou ruim, cada aventura chega ao seu final. A narrativa mostra também uma fusão de várias pessoas em um só personagem, como

por exemplo Dionísio.

O personagem de Dionísio Gravatá, descendente da Índia Jaci e dos índios Caetés, levava consigo o peso da sociedade brasileira, viveu na pobreza, mas tinha a riqueza encontrada nos estudos, foi injustiçado, foi abandonado por suas paixões, foi lutador, lutou por seu povo, tinha admiração pelo homem, tinha caráter, não se deixava induzir por outros, tinha sua ideologia, não queria viver conformado como seus colegas que encontravam em seus itinerários. Podemos ter como exemplo, de seus ideais inabaláveis e seus conflitos, essa citação:

Travou discussões encarniçadas por toda parte. Era rígido. Não tinha tática. Nem habilidade, nem flexibilidade. Marchava de peito aberto contra inimigos emboscados. Ia direto ao fim, sem ver as curvas e os ziguezagues da vida e da luta. O materialista militante combatente, o humanista intrépido, o inimigo do obscurantismo, que aspirava a libertar o Espírito dos homens, só encontrou a covardia e a hostilidade! (BRANDÃO, 2007, p.152)

Dionísio Gravatá apresenta ensinamentos passados desde o primeiro ciclo do livro, por isso traz consigo mais peso do que os outros personagens. Foi o personagem que mais se desenvolveu na trama, então acredito que ele tenha sido escrito não só para ser mais um personagem. Alguns acontecimentos que ocorrem à Dionísio foram retirados das próprias histórias do escritor. Isso fica cada vez mais evidente quando o personagem começa a buscar a militância como forma de lutar pelo povo oprimido.

Como dito anteriormente, este livro é um texto de memórias, não só do estado, do país, mas até mesmo do próprio autor. O texto se desenvolve em função das informações a serem passadas e não há elementos que distraiam o leitor do objetivo do texto, sempre é transmitido a mensagem sem nenhum tipo de ruído.

A narrativa ocorre em terceira pessoa, visto que o autor relata os ocorridos como alguém estivesse contando o que aconteceu a cada personagem. O ponto de vista em ação no texto coloca o leitor numa posição externa, como um observador das cenas.

O autor vivencia aquilo que está escrevendo. O que é revelado pela narrativa, pelo cuidado e dedicação que houve uma pesquisa: há uma riqueza de detalhes, como nomes de ruas, rios, vilarejos, tudo que o autor citou em seu texto era verídico. Há uma verdadeira imersão de Octávio Brandão na história.

Com isso, podemos afirmar que a existência de uma voz autoral, porque é claro a forma como o autor mostra a realidade através de seu olhar e deixa sua marca registrada. Esta afirmação traz mais uma vez a questão do jornalismo e a literatura, pois no jornalismo

contemporâneo é difícil de identificar uma voz autoral nas notícias diárias, já na literatura a voz autoral traz um estilo próprio ao texto do autor.

A voz autoral é marcante nos textos de Jornalismo Literário, porque a leitura que se faz traz a identidade do olhar do repórter, o modo como ele vê a realidade, como entendeu e sentiu e como a interpreta porque o leitor não quer um tratado frio, cheio de pesquisa. Ele, além de se satisfazer intelectualmente, quer um pouco de vivência. Mas o repórter só consegue transmitir o mundo do outro se permitir que suas emoções e inseguranças venham à tona. (SILVA, 2010, p.93).

Podemos ver claramente em todo o texto a presença da emoção, do compromisso com a verdade. Há uma preocupação do autor em passar todas as características do ambiente, dos personagens, de toda a história.

O autor tem uma escrita própria, um estilo singular. Surpreende por ser um dos poucos que se preocupam em demonstrar o passado da população, não o passado ilusório, o passado das pessoas reais, do povo lutador. Surpreende por passar através de suas palavras uma emoção, por conseguir que o leitor se envolva de um jeito que desperte os mais diversos sentimentos. Vejamos um dos momentos em que essa empatia é expressa:

As solitárias eram muito apertadas, feitas para uma só pessoa. Mesmo assim, não havia espaço para o preso deitar-se ao comprido e adormecer. Marques da Rocha mandou meter 3 e 4 pessoas em cada cubículo. (...) os presos, numerosos, seminus, apertados uns de encontro aos outros, não podiam mover-se. Não podiam virar-se. Não tinham ar, nem pão, nem água. A fome, a fadiga, a imobilidade completa e o entorpecimento foram aumentando. (...) quando, finalmente, abriram as solitárias, os mortos foram caindo uns sobre os outros. (BRANDÃO, 2007, p.89).

O autor usa a linguagem figurada para contar a história do negro, do índio, dos operários. Podemos citar como exemplo, Luiza Nagô, “negra escrava, tinha o rosto brilhante como alcatrão. Inteligente, ativa e rebelde” (BRANDÃO, 2007, p.25). A criação dessa personagem simbólica é o recurso de linguagem que o autor criou para conseguir transcrever a luta dos escravos, a rebeldia, o sonho da liberdade.

Octávio Brandão escreveu *O Caminho* de uma forma narrativa muito criativa e mantendo sempre a realidade presente, buscando deixar tudo o mais claro possível, há uma preocupação com a constituição dos seus personagens, das histórias, dos ambientes. Toda a história é contada de forma cuidadosa, zelosa. O narrador onisciente e onipresente transmite a sensação de que viveu toda a história, que esteve presente em todos os acontecimentos, que conhece os personagens pessoalmente, que foram seus amigos, que sabia suas angústias, suas agonias, seus sentimentos.

Portanto, o livro *O Caminho* é um texto fascinante, bastante coeso, um resgate na memória de um Brasil nunca contado. Em toda a sua história, todos os seus personagens

têm um objetivo em comum, encontrar o caminho. O caminho para uma vida tranquila, próspera, que renda bons frutos, sem sofrimentos, sem escravidão. Um caminho para entender porque a sociedade é como é. Um caminho de militâncias, de lutas, de conhecimento, em busca de sabedoria, um caminho para entender tudo o que aconteceu. Todo o livro é um questionamento e um chamado à ação. Um caminho para aprender.

Octávio Brandão foi um homem de garra, de guerra, que lutou pelo povo que não tinha noção de seu poder, lutou pelos direitos dos menos favorecidos. Homem brilhante, não se deixou abalar por nada. Sua vida toda foi dedicada ao povo brasileiro.

Neste livro, mostrou o grande jornalista e escritor que era. Com maestria, transcreveu em forma de jornalismo literário, parte da vida de seu povo. O povo que tanto amava. Esse humanismo genuíno, que marcou a trajetória de Octavio Brandão, é a característica mais forte do jornalismo literário que faz dessa obra um exemplo de antecedente deste gênero, quando ainda nem se tinha uma noção clara, que delimitasse essas fronteiras entre uma linguagem jornalística e a literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Octávio Brandão é um personagem que teve uma vida rica e dinâmica, embora marcada por intenso sofrimento. A coleta de dados sobre sua vida não se esgota e, por vezes, é surpreendente. Tendo passado por várias funções como jornalista sem perder o entusiasmo, deixou documentos que facilmente comprovam não só o grande jornalista que foi, mas um humanista genuíno. Mesmo sem ter tido o devido reconhecimento na sua terra natal, Octávio Brandão foi um cidadão que lutou por seu povo, sem medir as consequências. Ele demonstrou grande conhecimento na área jornalística e na literária, produziu por meio de sua sensibilidade uma grande obra sobre a realidade do povo brasileiro. Pode-se constatar, na análise textual da obra, as características do jornalismo literário como preconizam os atuais estudiosos da área.

A pesquisa sobre o jornalismo literário em Alagoas se iniciou com a escolha adequada do nome de Octavio Brandão porque permitiu a compilação de um rico material de pesquisa, entre obras e textos teóricos. A opção pelo viés do jornalismo literário também se revelou apropriada por reunir um conjunto de conceitos amplos e flexíveis, aptos para aplicação em textos jornalísticos bastante diversificados entre si, o que abre novas

possibilidades de desdobramento da investigação ainda inaugural sobre a ocorrência do jornalismo literário na imprensa alagoana, desde o século XX até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberto. **Uma memória silenciada. Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão: (1917-1980)**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.

BRANDÃO, Octávio. **O caminho**. Maceió: Edufal, 2007

BRASILEIRO, Alessandra; GAMA, Danielle. **Jornalismo Literário em revista - uma análise de conteúdo da revista Piauí**. Minas Gerais: Universidade Federal de São João del-Rei, 2015.

HUNTER, Mark. (org.). **A Investigação a partir de Histórias: Um Manual para Jornalistas Investigativos**. França: UNESCO, 2013.

MELO, José Marques de. **História do Pensamento Comunicacional Alagoano** - dicionário bibliográfico. Maceió: Edufal, 2013.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2007.

REGO, Otávio Brandão. **Otávio Brandão (depoimento, 1977)**. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993.

RESENDE, Geovanna. **Jornalismo literário: uma análise da revista Brasileiros**. Tocantins: Universidade Federal do Tocantins, 2010.

SILVA, Francilene. **O “anônimo” no Jornalismo Literário: Protagonistas do cotidiano na revista Piauí**. São Paulo, 2010.

Vilas Boas, Sergio, **Jornalismo Literário: um percurso filosófico**. São Paulo: ABJL / TextoVivo Edições, 2008.